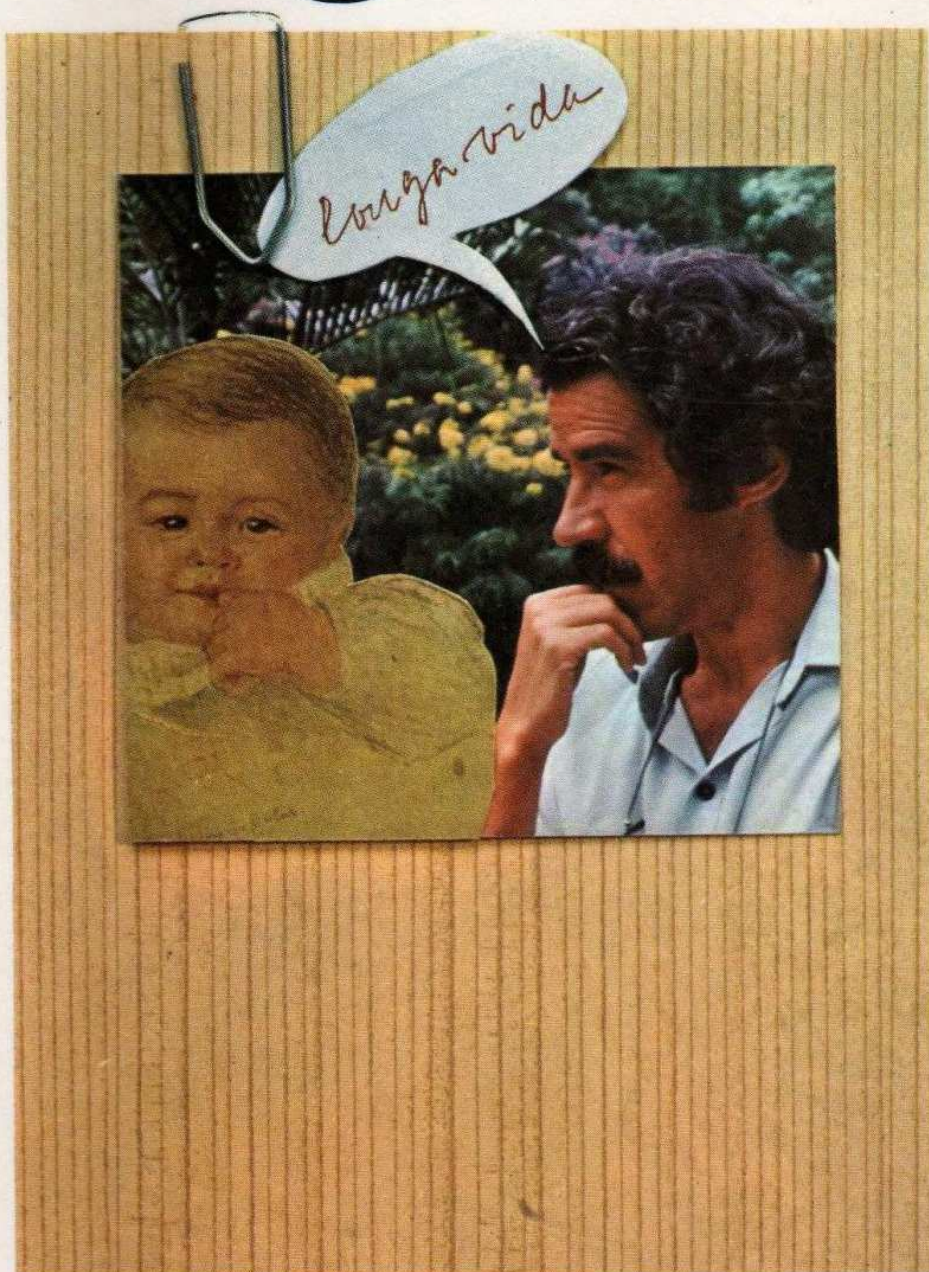


ARMANDO FREITAS FILHO

longa vida



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA



Armando Freitas Filho

longa vida
1979-1981



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

© 1982 by Armando Freitas Filho

Direitos adquiridos para a língua portuguesa pela
EDITORA NOVA FRONTEIRA S. A.
Rua Maria Angélica, 168 — Lagoa — CEP: 22.461 — Tel.: 286-7822
Endereço Telegráfico: NEOFRONT
Rio de Janeiro — RJ

Capa
Colagem de Rubens Gerchman, a partir de duas
fotos de Cristina Lessa de Barros Barreto:
uma de Armando Freitas Filho, outra de um
quadro de autoria de Alimozim Balas.

4ª capa
Marca de gravador do século XVI
e poema manuscrito

Revisão
SÔNIA REGINA CARDOSO
ÁUREA MORAES DOS SANTOS
MARILDA BARROCA

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

F9361 Freitas Filho, Armando
Longa vida / Armando Freitas-Filho. —
Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1982.
(Coleção Poiesis)

1. Poesia brasileira I. Título II. Série.

82-0725

CDD - 869.91
CDU - 869.0(81)-1

...

Eu também me desfarei em lágrimas
coloridas no meu dia final
Meu coração vagará pelo céu estrela
cadente ou bólido apagado
como agora erra inflamado pela terra

...

E o mundo como o globo que eu fazia
girar no escritório de meu pai
Gira velozmente em torno do seu eixo...

...

Luís Aranha

Ah! coração humano, coração de areia,
onde a palavra escrita não demora!

Raimundo Correia

the country of the Indians and the
colony of the Indians of the
country of the Indians of the
country of the Indians of the

country of the Indians of the
country of the Indians of the
country of the Indians of the

country of the Indians of the

country of the Indians of the
country of the Indians of the
country of the Indians of the

Para Cristina

*Escrever no céu
na página do luar
ou no livre livro
do delírio
depois da paz
de mergulhar o rosto
na água fresca
de sua nudez.*

178

Aspetter no era
na página do livro
ou no livro
do delicto
depois da paz
de megalha e resto
na água fresca
de sua vida.

O LIVRO, A VIAGEM

“Eu sou um livro” — declara na abertura deste Longa Vida a voz do poeta Armando Freitas Filho. É um livro aberto, acrescenta, apresentando assim dois protagonistas da trama que vai se seguir: a frase-feita e a ironia que a transtorna. Trama em forma de poesia? Como na Carta Roubada, de Poe, aqui também o mistério está bem diante dos nossos olhos. Porque há sim em Longa Vida como que um mistério, uma trama, qualquer enigma que bem diante dos nossos olhos espera ser desvendado ou surpreendido ali, no lugar mais evidente.

Eu sou um livro — declara o poeta de saída, invertendo a fórmula de Walt Whitman, que concluía o seu Leaves of Grass com um “este livro sou eu”. Quem é quem? Who’s dunnit? “Quem escreve aqui?” Esta a questão que atravessa uma longa vida. Eu e o livro, o sujeito e o texto, o poema e a vida, a persona e a pessoa: termos de uma tensão fundamental, rachadura aberta pela consciência moderna da linguagem. Marcado por esta consciência, eis aqui um livro das contradições:

*Quem escrever verã
a vida voando*

lá fora
em versos livres
e brancos
enquanto, aqui dentro...

O que se passa aqui dentro? Onde é aqui dentro? “Quem escrever viverá”: a frase idiomática perturbada (e iluminada por aliterações que são uma espécie de vício de prazer neste texto) estabelece, sem subterfúgios, a dualidade, figura sobre a qual se debruça o poeta. Escrever, viver. Escrever é viver? Escrever ou viver? Aqui dentro ou lá fora?

Livro das dualidades. De duas mãos: uma que “me escreve” e tenta dizer; e outra, “sinistra e secreta”, que “cala, não consente”, numa trama espetacular de duplas personalidades. Há sempre uma dose dupla sobre a lareira, sob a vista. Há sempre uma tensão entre o vôo livre e a gaiola das loucas, entre um nômade e um sedentário, entre uma mulher que parte de avião e um homem que fica no aeroporto, entre a mesa burocrática e o impulso incendiário, entre o poema superloquaz, perito nas palavras, seus jogos, saltos mortais, e o hemisfério silencioso dos sentidos, entre o “deslizante verso discursivo” e a “lucidez dos sobressaltos” de que fala João Cabral.

Armando publicou cinco livros bem-sucedidos antes de Longa Vida, mas é como se este fosse o seu primeiro

Livro. Sem títulos ou partes que interrompam a respiração tensa do mistério a ser percorrido em maratona, este Livro poderia ser pensado como um poema inteiro, desenhado por um verso em forma de fio longo, um barbante que se torce pelas curvas do labirinto, perseguido por uma obsessiva melodia de inventário. Não se trata porém de um fluxo suave e sem trancos. Mas há nesta trip a integridade de quem repõe a própria questão do Livro, que já não se elabora sob as ordens de Mallarmé, mas sim sob o signo da subjetivação. É o sujeito que anda às voltas com o Livro:

*um lance de dedos
jamais abolirá
a vida
sempre à beira
das letras, das lágrimas
de mallarmé*

Lance de dedos: trocando uma mão pela outra, Armando é chegado ao trocadilho infame, e craque: um ás do volante; ao longo da pista, “sem carro próprio, sob nome falso”, o leitor terá a surpresa de encontrar outra tensão, de humor especial: a que se faz entre o curso nobre do verso, puxando hipnoticamente para o alto, e a perturbação constante de provérbios, frases feitas e desfeitas, marcas registradas, heróis de quadri-nhos, gíria cosmopolita da década de 70, tudo atraves-

sado pela infâmia do trocadilho. E pela luz e sombra da mais que presente figura da viagem, de viagens

voando sua breve vida
em todos os sentidos
viagens hors texte
para longe de mim
além, a léguas

plenas asas

Para longe de mim: para quem acompanha a trajetória do poeta, aqui se elabora um distanciamento ainda novo, pois a ironia encara a esfinge, e dá o tom:

eu sou um livro
para ser devorado
num fim-de-semana

Mais do que fins-de-semana, há feriados nesse percurso, distensões preciosas, e de repente, sem aviso prévio, lá para o final, um interlúdio em forma de verão: um verão carioca pirado, incendiando o poeta dividido. Um verão que se abre, se precipita e se fecha, tangenciando o desejo de escapar da página — em direção a “outro tipo de sonho”?

Como nas férias de Monsieur Hulot (filmes que fontes seguras afirmam irresistível para Armando), quan-

do o verão termina, a cena se congela num cartão postal e o poeta volta para casa, mas sabendo que agora

a paisagem é outra.

A paisagem agora é outra: tendo viajado assim, no final o Livro se reencontra (é outono) e aponta para um apaziguamento de sua tensão fundamental. Como nas histórias policiais, fica para o leitor descobrir por si a solução do enigma, formulada aqui, admiravelmente, por este poeta definitivo.

ANA CRISTINA CESAR

longa vida

Sou um livro aberto
mas o que eu digo
não se escreve
desaparece, ou, erro
deixo-me ir, troço
depois não sei o que
mas é que escrevo certo
por linhas certas
eu sou um livro
com um livro-pensado
para ser devorado
deixar-se de ler.

longa vida

Sou um livro aberto
mas o que eu digo
não se escreve
desculpe os erros
destas mal traçadas
mas é que escrevo certo
por linhas tortas
eu sou um livro
(ou um livre-pensador)
para ser devorado
num fim-de-semana.

Sou um livro aberto
mas o que eu digo
não se escreve
desempe os erros
deus mal truçadas
mas é que escrevo certo
por linhas tortas
eu sou um livro
(ou um livro-pensador)
para ser lido
num fim-de-semana.

À mão livre
mas não tanto
pois escrevo
para não voar
enquanto a loucura
descabelada
por todos os ventos
sobe a escada
perde o pé
e range
dentes e degraus
enquanto escrevo
pelos ares.

A mão fivete
mas não tanto
pois casero
para não vout
capanto a loucura
descabelada
por todos os ventos
sobre a escada
perda o pé
o tanto
dentes e degraus
capanto casero
pelos ares.

Escrevo

só

em último caso

ou como quem alcança

o último carro

como quem

por um triz

por um fio

não fica

no fim da linha

de uma estação

sem flores

a ver navios.

1000000

100

1000000000

1000000000000

10000000000000

100000000000000

1000000000000000

10000000000000000

100000000000000000

1000000000000000000

10000000000000000000

100000000000000000000

1000000000000000000000

Escrevo

só

e mal acompanhado:
ghost-writers, influenzas
musas seminuas, gênios
deusas, adeus!

Deixem-me somente
a pena e os papéis
para as minhas novas ninfas:
a Bic, a Cross
as sem nome que passam
sem marcas
de mão em mão e se perdem:
a Pilot, com suas ligas roxas
a velha Parker
com a tinta do meu sangue
quase seco
e a Futura.

Escrevo

ao

o meu acompanhador;
para os vossos trabalhos
e para os vossos estudos
deus, abençoe!

Escrevo-vos este
para o vosso
para os vossos estudos
e para os vossos trabalhos

deus, abençoe!

Escrevo-vos este
para o vosso
para os vossos estudos
e para os vossos trabalhos

deus, abençoe!

o meu acompanhador.

Quem escrever verá
a vida voando
lá fora
em versos livres
e brancos
enquanto aqui dentro
os exércitos da imaginação
combatendo na sombra
marcham para a derrota
e são comidos
até o fim pelos cupins
pelas traças
e tudo será
uma página virada
do dilúvio
e depois
há muitos carnavais
quem escreve sempre alcança
a quem?
o quê?

THE UNIVERSITY OF

CHICAGO

LIBRARY

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

Esta mão que me escreve
há tanto

 e tenta
dizer o que a outra
cala, não consente
segurando

 o sonho
a caravela, o delírio
o incrível hulk
que pode rebentar as costuras
os costumes

 que pode
incendiar a casa
o próprio corpo
e avançar
pelo espelho adentro
contra si mesmo;
esta mão que segura
por debaixo da mesa
atrás do pano da ópera
Mr. Hyde ou o poema
escondido

 que resfolega
e se debate
querendo entrar em cena

soltar a voz
os cachorros, as cachoeiras
o galope do apocalipse
o fogo, a fonte, o terremoto;
esta mão, sinistra e secreta
que segura
a hemorragia
no punho cerrado
as rédeas dos cavalos
a carruagem
enquanto essa que me escreve
se contenta apenas
em vestir a luva
da outra, no espelho
e fingir que troca de lado
e de veias
para tocar, na outra margem
o derradeiro tambor
do coração.

A mão que escreve
na mesa burocrática
não pode sonhar e
escrava, se arrasta
no deserto, ao rés-do-chão
através de resmas e lesmas
a léguas de qualquer relva
e só serve minutas
adendos e remendos
tudo em formato ofício
em papel timbrado
enquanto o poema, ao longe
tenta, em cada entrelinha
levantar vôo, a cabeça
como uma águia
feito uma onda.

seu a talhe
as citharas de archedos
o galop de tyrol
o coturno de (sant) a (sant)
marche a rithm de m. m.
A mão que escreve
na mesa hypothetica
não pode sustentar
estava, no entanto, a
no deixar, no fim do
suavizar de (sant) a (sant)
a léguas de qualquer
e só serve minutas
adidas e (sant) a (sant)
tudo em (sant) a (sant)
em papel (sant) a (sant)
empunha o (sant) a (sant)
tenta, em cada (sant) a (sant)
levantar vdo, a (sant) a (sant)
como uma léguas
leito uma cada.

O poema que pretendo
se perde ou se escreve

no ar
ligeiro, com o giz do relâmpago
do raio — ágil — do laser
do não luar, elétrico

e se escreve a carvão
nas margens plácidas
das páginas do espaço
do mapa do Brasil
ao acaso

com o lápis infernal, preto
zero, do trovão

o poema se perde
no rascunho da tempestade
se rasura
no cinza chão das nuvens de chuva
no caderno de folhas falsas
do vento

com as palavras voando
para fora de qualquer alcance
da lembrança:

papéis, apelos, espelhos

como as últimas, íntimas
trovoadas perdidas
ao longe
no quadro-negro do céu.

As águas passadas
movem os moinhos:
as pás, os pés descalços
na areia de ontem
aonde?

Antes do pensamento
ainda andam
naquela manhã anterior
aberta, de par em par
ao vento

ao sol que entra
por todos os poros
portas e janelas da praia:
pé ante pé, a pegada muda
mas não pára

e se adianta
no interior de cada dia
que o corpo veste
sobretudo

contra o espaço de dentro:
passo na beira do poço
e quem caminha, enfim
aqui, no meio-fio de mim
na corda bamba da margem
no limite do mapa

na fronteira diante
de antes e interrompe
de repente
a transmissão, rasga o celofane
a transparência
corta o telefonema
de longa distância
se esquece da ligação
que perde altura
e cai, do ar, em chão nenhum
longe do alcance
da minha escuta
da minha escrita
longe dessa mão que escreve
na linha do horizonte
o indício do início da viagem
dessa mão que descreve
o destino e agora se desliga
da lembrança
e desmaia na página
fim, folha morta, flor do Lácio
para naufragar no mar
de papel picado da memória.

O que pensei
quando o pensamento
não sabia que pensava
quando

o mundo, a vida
se perdia de si
e ao sumir
se acumulava
como poeira
sem memória
nos armários da imaginação
na palma das mãos
nas prateleiras dos sentidos
e escondia

de mim
o pulo do gato
o etc. e tal
e tudo, em segredo
era guardado na lembrança?

Era guardado
e se esquecia
como um gosto, um cheiro
uma foto de criança

extraviada
no jardim de outrora
com o vento de cada árvore
também parado
no momento do retrato.

Mas e depois
na outra hora
daquele instante
na continuação do vento
para aonde foi
ou fui ou fuga
para aonde

a vida

se inclinou
nos gestos comuns
daquele dia:
o que comi no jantar
qual o sonho
que ilustrou aquela noite
e em seguida
o que houve, o que ouvi
na manhã

e veio vindo

do exílio até agora
sob tantas formas
faces, feitios, fatias
e fantasmas:
mil máscaras miscelâneas

feitas por acaso
ao sabor de quase nada
náufragas do ar
como os aromas, e bóiam
na beirada do tato
que por pouco alcança
no peitoral, as figuras
que escapam disfarçadas
para fora do campo
do olhar

para fora
e se apressam em passar
dispersas
achadas e perdidas
e mal ouço seus passos:
presto, proust, pegadas
tão próximas de se perderem
por dentro de mim

meio esquecidas
e abandonadas no caminho
se não fosse

a vida toda
um lugar em obras
permanente
um canteiro em constante
construção
ao qual se precisa voltar
volta e meia:
aqui, ali, alicerces

acolá, andaimes, andares
a vida
se fazendo desde o avesso
todo o dia
inteira
da cabeça à medula
da manhã à noite
para se apagar e se acender
como os letreiros luminosos
que só conseguem
dormir e se esquecer
por um segundo
mas mesmo assim
entre a luz e o escuro
fica a lembrança
a linha, o perfil
o fio, o filamento
do que foi, do que fui
do que fugiu
e está à beira
do vir-a-ser
do zênite, do devenir
do que será
zás-trás, desastre, ao azar
sempre:
senha, suíte, incêndio
cinza e sentença — fiat lux —
fênix
madeleines de neon
ontem, no hotel de hoje

no anúncio de amanhã
algures, alhures, além
fagulhas, a folhas tantas.
ao rés-do-chão, enfim, um rosto
um resto de pó e fragmentos.

no âmbito de atuação
de alguns alunos, além
das aulas, a leitura de
textos, a realização de
trabalhos em grupo, a
participação em eventos
e a realização de projetos.

Para Antônio Dias

Caço

o que se desprega:
o trapo do seu corpo
o rasgado nu bailarino
 pano de vento
retalho
 recorte da pele
puído
 no ar

Caço

o que se despede:
e não deixa nenhum sinal
pista ou vestígio
 se despe
de si e some
 assim
feito uma sombra
no meio-dia do sol

Caço

o que se desespera:
o ato, o espetáculo
à beira do abismo
 o vácuo

a cena muda acrobática
e alcanço o triz do trapézio
pelos cabelos, o nada
que se despedaça

Caço

o que se desprende:
cada vez mais fino
na memória do espaço
o fiapo da fuga
o infinito que escapa
da agulha
e por um fio
m e r g u l h a

Fazer carreira
é sair correndo por fora
— como um ladrão —
de dentro de si mesmo
virando-se pelo avesso
ao encalço do futuro
engolindo sapos
poemas e sopapos
comendo de tudo
e cometendo sem parar
paráfrases, pastiches, mélanges
marmeladas

competindo

não apenas
por um lugar ao sol
mas pelo lugar do sol
na vanguarda
ou entre os marginais
descendo-subindo ou o contrário
a escada rolante
a escalada, o escândalo
do sucesso
até conseguir

o crime perfeito
a obra-prima underground
que é o primeiro
ou o último degrau?

Concorro ou simplesmente
corro

na maratona
atrás das 500 milhas
sem carro próprio
sob nome falso:

Alimozin ou Limousine Balas
o meteoro construído
de folhas-de-flandres
sem qualquer fórmula
ao sabor do vento
como por exemplo um Calder
se inventa — automóbile —
no princípio do ar
e do espaço: exploemas
fonte de plumas, fluxo
foguetes, flash de palavras
e páginas

volantes
virando velozes
aerofólios
gaivotas de papel
voando sua breve vida
em todos os sentidos;

viagens hors texte
para longe de mim
além, a léguas

plenas asas:

Indianápolis, Interlagos
Florianópolis

pássaros passageiros
no céu

Pasárgada.

Fazer um poema
à clef

Paul?

ou o que pinta
é outro nome
quem escreve aqui
com lápis
com lapso-lazúli
e colore este colapso
comendo gato por lebre
é um ladrão de mim
um Heterônimos Bosch
fingidor, personne, persona
e o grande
Fernando "Falsário" Pessoa
que se desfazem
desfeitas pela ventania
dos disfarces
armando suas falcatruas
e um eu que é um pseudo
um psiu, um índice
onomástico

um mar ou uma
máscara que por detrás

de si mascara
a próxima cara
de maria-vai-com-as-outras.

Fazer um poema

é fácil

Por?

em o que pista

é certo nome

quem escreve aqui

com lápis

com japo-luzili

e colore este colapso

comendo goro por lebre

é um labão de rebr

um heterônimo de rebr

finjido, personae, personae

e o grande

Fernando "Falsário" Pessoa

que se deslazon

desliza pela ventania

dos dias

arrastando suas ilicatas

e um cu que é um pseudo

um pé, um índice

um índice

um índice

índice de um índice

Minha casa sou eu
o que carrego nos bolsos
do corpo ou
 mesmo quando
nu
 com uma telha de menos
a chuva do banho
me molha por dentro;
minha casa só eu
trailer que roda de tênis
pára na esquina
e em outra seqüência
eu espio
 minha sombra
(ou o que sobrou do filme)
debruçada
 no faz-de-conta
de ser uma varanda voadora.

Atravesso a noite
nos meus travesseiros viajantes
no vaivém
do trem que o sono
arma e põe em marcha
através dos campos
dos leitos
dos variados lençóis
de desdobradas madrugadas;
travesseiros ou carneiros de pano
que descubro de cor no escuro
como nuvens nítidas
que não combinam
com o estampado
com o jogo da cama
e conto, reconto, recorto
e meto a cara
na sua pele
na sua paina
na sua opala sem ruga
que eu, dormente, amarroto
beijo, lambuzo e babo;
travesseiros transeuntes
e suas quase asas de algodão

onde deito a cabeça
com seus planos de vôo
onde me desarrumo e durmo
e acordo espalhado, noturno
na estremunhada manhã:
no seu avesso ou recheio
meus sonhos se enfronham.

A mãe-metralhadora
gira
e me alcança
entre os lençóis do amanhecer
alvejando na cabeça
mas eu fujo
e me fecho
em copas
no banheiro
escondido por meu banho
e em meio a gritos-granadas
murros-bombas
que desabam
e acabam arrombando a porta
consigo chegar ao cume
do morro,
onde pareço morrer
no deserto do prazer solitário
bem próprio dos vencidos
e, no entanto, ainda corro:
— um gato-pingado
na terra-de-ninguém da sala
entrincheirado pela mesa
café-com-leite, pão e JB

enquanto ela
atira
suas últimas lágrimas-balas
balaços que furam
meu escudo de papel manteiga
e se eu conseguir escapar desta
é porque minha avó é bicicleta
meu pai um pau-de-sebo
e meu avô um bonde
(ou um bode?)
elétrico!

By-pass ou
em busca do passado
mas não dá pé
meu pai
 essa vida em 2.^a via
ouvindo por toda a parte
no rádio
 o rouco, o marca
passo do seu enfarte
 o miocárdio
em pane, em pânico
chiando
 na floresta estática;
lendo laudos e laudas
que mais parecem
uma lição de grego
ou de segredos
cheia de gráficos
sussurrados a sangue;
e eu só vejo e soletro
erros e eletros
traçados de cor
nas entrelinhas que quase
não alcanço

mas compreendo e me dependuro
a custo, como um cego
tocando de ouvido
fora da pauta
essa música dodecafônica
de corda bamba e cordilheiras
semitons, trapézios e intenções;
vendo na TV
ainda ligada
depois do último filme
o programa extra
que se improvisa — urgente —
como a noite, ao acaso
no caos
no ocaso desta casa:
um show
um soul de interferências
um ser-fantasma eletrônico
um visual feito de fantásticos
colapsos, síncope, alusões
e sinais em código morte
enquanto que eu
sozinho na torcida
faço das tripas
coração.

Só e sem sol
o primeiro dia
passa
entre montanhas e sonhos
acordados
e daqui do décimo quinto
andar
de novo
todos os mesmos passos
de sempre
ano afora
e me seguro
para não pedir socorro
para não cair
por dentro
para não querer voar
para não querer
daqui
para
não ir pelos ares

20 e 21 de maio de 1964

Carta para o Sr. Japal

Caro Sr. Japal,

Recebi sua carta de 15 de maio.

Estou muito feliz em saber que você está bem.

Com carinho,

Seu pai,

Para não esquecer, aqui vai um pouco de dinheiro.

Para não esquecer, aqui vai um pouco de dinheiro.

Para não esquecer, aqui vai um pouco de dinheiro.

Com carinho,

Para não esquecer, aqui vai um pouco de dinheiro.

Para não esquecer, aqui vai um pouco de dinheiro.

Japal

Para

não se esquecer

Mesmo que a vida dure
apenas uma hora

eu como
um pedaço de Plus Vita;
mesmo que dure
menos

eu bebo
até a última gota
meu copo de Longa Vida;
mesmo que o coração
possa morrer

em 2000 — CCPL
(cuidado coração parando lentamente)
ou no próximo segundo
dentro do peito

longa
continua a ser — sempre —
a vida

sob telhados
e espaçonaves de Eternit.

Mesmo que a vida dure
 apenas uma hora
 eu como
 um pedaco de Pão Vão
 mesmo que dure
 pouco
 eu bebo
 até a última gota
 num copo de longa vida
 mesmo que a vida
 seja curta
 eu vivo
 vivendo sempre quando lembrar
 eu no próximo segundo
 dentro do peito
 longo
 continuo a ser — sempre —
 a vida
 sob os olhos
 e espasmos de Eternidade

Por dentro a morte
se movendo
atrás do pano
em pânico
de estar sempre pronta
e desgrenhada
para entrar no palco
e ter que morrer e errar
de repente — ao deus-dará
na boca de cena
com a boca no mundo
a cada momento dos dias
da longa vida.

For the first time
the world has seen
the power of the
human mind
in the face of
the most terrible
disasters
which have ever
befallen the
human race
the power of the
human mind
in the face of
the most terrible
disasters
which have ever
befallen the
human race

Até que a morte nos separe
ou

a vida comece a cortar
com sua tesoura cega
nós, laços
o corpo-a-corpo do amor
e saia, SOS
pela saída de incêndio
deixando para trás
na metade

tudo, tanto
a luz acesa na varanda
o relógio sem o pulso
o pulo, o pique, o tique
do tempo, o minuto
miúdo, para sempre

esquecido

como o livro largado
no meio, que o vento
às cegas, sem leitura
vira ao léu os olhos
as folhas

vira a página

e a vida — dernier cri —
do alto da escada
um dó-de-peito ou uma dor
subindo, tom por tom, em degradé
na escala

dos degraus.

Achados e logo depois
perdidos
pois quem encontra
que mãos seguram
o que esqueci
em que lugar
que não me lembro
o que era meu
ainda resiste, solto
no mar do mundo largo
à tona, à toa, na vida anônima?

Em que lugar ficou
o que agora
me faz falta
o que não sei
nem mais o nome
o que antes foi tão querido
e era guardado
no bolso de dentro, no íntimo
no centro de mim
cercado por minha pele
feito eu mesmo?

No bolso de dentro
e no entanto
me escapou
por entre os dedos
por entre os dias
sem que eu sequer visse
o que se desesperava
e desaparecia nesses idos
o que partia
e só deixava um resto
um fio de cabelo no ladrilho.

O que partia
para fora
o que tinha sido achado
para depois
na terra-de-ninguém
ser perdido:
satélite, sim, para sempre
que eu apenas posso lembrar
como um pedaço de sonho largado
feito uma nuvem, no meio do dia.

Envoi, avião — torpedo
vá de vez
e voe
movida a Wild Musk Oil
enquanto aquela voz
de mulher nua
mas vestida de veludo
avisa que sua viagem
começou naquele beijo
à la Rita Hayworth
em technicolor
recostada num monte de feno
e que vale a pena;
ou em preto e branco
como Ingrid Casablanca
no portão de embarque do aéreo
porto (onde fiquei), Rio
mas com saudade.

No bolso de dentro
e no entanto
ma escapou
por entre os dedos
por entre os dias
Enviou, avisou, torpedos e supoz
que se supoz
e voc
movida a Wild Duck
enquanto a mulher
de mulher mas
mas vestida de veludo
avisa que sua viagem
O que partiu
começou naquele
à Rita Hayworth
em technicolor
recostada num
e que vale a pena;
ou em preto e branco
como Ingrid Bergman
no porto de embarque do navio
porto (onde Indica) Rita
mas com saudade.

Seja de seda
mas selvagem
corra
e perca
por um triz, o fio
a linha
o ritmo
mas não esfrie
o brilho
nem apague
a luz da sua cor
que quer
ser de fogo
arrepio e risco
não se afogue
em silêncio, em si

Seja de seda
mas selvagem
corta
e petea
por um triz, o fio
a linha
o ritmo
mas não estrie
o brilho
nem apague
a luz da sua cor
que quer
ser de fogo
atropio e xisco
não se alogue
em silêncio, em si

Trepar com você
é uma viagem:
noturno expresso
de veludo
que entra por dentro
do tempo, do túnel
que não sei se parte
ou chega
se vai ou vem
se é ida ou volta
pela mesma linha
como um raio
— um trilho assovia único —
sem contudo deixar
de curtir
de sentir cada segundo
cada estação do percurso.

77

Para Cristina

Absoluto azul
sem susto algum
de nenhuma nuvem — nunca
nem por um instante
tão perto da paixão
e por isso, por você
eu vôo

voz e corpo
e atravesso a vida
o oceano

o mar aberto
com o amor chegando
sucessivo como as ondas:
parecendo sempre a mesma
mas no entanto
a que agora se suspende
corrige
o clamor do coração da cor
da outrora onda
anda e avança para ontem
e já esboça de cabeça
onde é apenas pensamento
antes de sumir

a outra de amanhã

que ainda em sonho
(aonde?)

elabora seu leão de água
sua leoa de expluma e coroa
e como o amor

se lança
sem esperar a ponte concluir
seus lances, cálculos, óculos
o alcance de sua segunda margem
mergulhando

pois eu sei
pois eu sou
esse incêndio instantâneo
aceso

em seu louvor.

Amar

é mergulhar de cabeça
sem saber nadar
sem saber de nada
ao seu encalço
numa piscina
como um camicase
pulando do último
do mais alto trampolim
de mim

sem asa-delta
salva-vidas, pára-quedas
sem perguntar
sem sequer pensar
se lá embaixo
vou encontrar água
ou apenas o ladrilho do vazio?

Amar

é ter que inventar
mãos tão macias e cuidadosas
como nenhum Nívea
jamais ousou fazer
para melhor pegar
como quem pega, no céu

sem rasgar

o corpo de uma nuvem
seu vôo de papel de seda

em slow/snow motion
ou, ainda, alcançar
e reter

entre os dedos
a fuga do perfume
do seu sonho
solto em minha fronha?

Amor

a quem amar
se o telefone não toca
e o domingo se desmancha
em mim

sozinho
na calçada
onde somente o vento
passa

no quintal
onde somente a torneira
chora
a mesma gota há milênios
e o jogo
acaba, com a tarde
sem gols
em todos os rádios

e a noite acende
a luz dos postes

— uma a uma —

um pouco antes
do dia desistir
de se encostar, azul
em vão, na vidraça

e a vida voa

embora

imóvel

como uma nuvem

no céu

apenas pássaros?

Mil e uma noites depois
com a vida salva
por dois dedos de prosa
por um fio
no frio da navalha
pelo capítulo da novela
que suspende o desenrolar
do seu novelo

de sua linha
de nós estendida sobre
o dia a dia o fim
que não chega

nem fecha
nenhuma porta ou questão:
tudo aberto, tudo no ar
equilibrado

em suspense de bomba-relógio
na corda bamba
com as garras da lei

ou suas águias
sobre minha cabeça desfeita:
Shazam! Sherazade, Janete
janelas do horizonte

ainda acesas
em plena manhã.

em plena manhã.
 ainda acensas
 janelas do horizonte
 Shazam! Shetaxade, Janete
 sobre minha cabeça desliza:
 ou suas águas
 com as garras da lei
 na corda bamba
 em suspense de bomba-relógio
 equilibrado
 tudo aberto, tudo no ar
 nenhuma porta ou questão:
 nem fecha
 que não chega
 o dia a dia o fim
 de nós estendida sobre
 de sua linha
 do seu novelo
 que suspende o desenrolar
 pelo capitulo da novela
 no rio da navalha
 por um fio
 por dois dedos de prosa
 com a vida salva
 Mil e uma noites depois

No pau-de-arara
é proibido gozar
mesmo quando enrabado
por muitos
e o espasmo
sacuda o curto-circuito
do corpo
fudido em verde-amarelo
sob o som
das botas, das patas
dos saltos-altos
da Pátria em marcha
das famílias caindo de quatro
ao som
dos choques elétricos
de Dom and Ravel
de Deus
salve a América!
Eu te amo meu Brasil
eu
só ouço o vômito
e as aves
que aqui gorjeiam
etc.

No pau-de-ara
é proibido gozar
mesmo quando entabado
por muitos
o o espasmo
sacuda o curto-circuito
do corpo
ludido em verde-amarello
sob o som
das botas, das patas
dos saltos-altos
da Pátria em marcha
das famílias caindo de quatro
ao som
dos choques eléctricos
de Dom and Ravel
de Deus
salve a Américal
Eu te amo meu Brasil
cu
só ouço o vômito
e as aves
que aqui gorjeiam
etc.

As paredes têm ouvidos
ainda

 recordam e guardam
as manchas, a impressão
dos gritos feito grades
do sangue salpicado
 das sombras
dos guardas

 ainda
não foram abertas
as janelas
 e pelas aberturas

rasgadas
o vento não passa
não sopra
o céu não corre livre
esvoaçante
em desfraldado azul
embora

 lá fora
é bom lembrar
noventa milhões em ação
cantem
pra frente Brasil

pra não escutar
do meu coração
o susto-soluço-síncope
pois enquanto a bola
rola

fora das quatro linhas
o pau-de-arara canta
come o sarrafo
baixa a botina

e a cortina
sobre os Arquibaldos
os Geraldinos

e todos juntos vamos
pra frente, pros porões
levados pelos Macários
aos pontapés, na ponta da bota
das galeras em festa
para as galés
e salve a seleção
salve-se quem puder
pois de repente
é aquela corrente
nos pés
parece que todo o Brasil
deu a mão
à palmatória
ligados todos
nos fios, nos cabos
nos rádios

nos dedos-duros elétricos
na mesma emoção
e no mesmo tratamento de choque
tudo é um só coração
que bate, a todo pano
em pane, preso,
entre as quatro paredes
do corpo, do quarto
e nas tevês
o esquadrão de ouro
da morte

toca a bola
manda bala

é bom no samba
é bom (principalmente), no couro
e se a Copa do Mundo
é nossa

para sempre
como brasileiro
não há quem possa
se esquecer
que fora do estádio
expulsa das arquibancadas
a torcida explodia
e vaiava
a dor de tantos gols-contras
em silêncio.

pra não escutar os gritos dos jogadores
 na mesma emoção
 e no mesmo tratamento de jogadores
 tudo é um só coração a qualquer hora
 que bate, a todo pano
 em pane, preso
 entre as quatro paredes
 do corpo, do quarto
 e nas tevéis
 o esquadro de ouro
 da morte
 toca a bola
 manda bola
 é bom no samba
 é bom (principalmente) no couro
 e se a Copa do Mundo
 é nossa
 para sempre
 como brasileiro
 não há quem possa
 se esquecer
 que fora do estádio
 explosões das arquibancadas
 a torcida explode
 e vaiava
 a dor de tantos gols-contras
 em silêncio.
 ligam todos
 nos cabos
 nos rádios

Amor com amor se paga
nas ruas, no Rio
de noite

 e se encosta
nos muros, por debaixo
das marquises
 das árvores
dos postes do Aterro
com seu luar pontual
em suspenso

 como uma nave
pousando à beira-mar.

Amor com amor se pega
se enrosca

 e cresce:
filodendros, trepadeiras
jibóias, abraços vegetais
e beijos

 pelos bancos do jardim
dos carros,
na véspera do verão
o amor desata os cabelos
levanta as saias e dança

de patins
sobre os bueiros de Força e Luz.

Amor com amor se pica
foge de casa,
morre entre os morros e o mar
se mata
nas primeiras páginas
faz manchetes
— balas, sangue, punhalada, estricnina —
e se incendeia
em camas transitórias
ateia o fogo da paixão às vestes
para melhor despir os nus
de todos nós.

No mar e no bar

Aurora

eu mudo

troco de pele, viro a mesa

meto as mãos pelos pés

e por debaixo do pano

da toalha da primavera

você já é o verão

que começa vis-à-vis

picnic, vaivém descalço

no Natural de pernas nuas

que acende e instala

sua estação de alumínio

envidraçada de azul

no ar

que forta condicionado

por um sol de esmalte.

20th March

1891

Dear Sir

I have the pleasure to inform you

that the same has been received

and is being forwarded to you

by the next post.

I am, Sir, very respectfully,

Yours faithfully,

Wm. H. Smith

Secretary to the Committee

of the London Convention

of the British Association

for the Advancement of Science

and the Education of the People

Enclosed

I have the pleasure to inform you

that the same has been received

Miss Frigidaire não ouse
nem use

rimas ocultas
(como eu na primeira linha)
ou armas brancas:
sorrisos colgate, gás neon
icebogs, adagas e subterfúgios;
abra a porta por dentro
de si, e saia

de flores
fuja do inverno
venha

branca de neve
e não negue o sol
never! que derrete o gelo
que fora do freezer
estalactite e chora.

Renoir, o que pinta
é o lance

da cor
que escapa da écharpe
ou o que nenhum pincel
colore:

o azul do seu olhar
aberto, expresso e registrado
— via aérea —
sob o chapéu do céu
que é um sol.

THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY

ASTOR LENOX TILDEN FOUNDATION

1892

NEW YORK

1892

1892

1892

1892

1892

1892

1892

Leila Pugnali

tão longe, lontan

a léguas

em qualquer língua

longínquo punhal de mel

volte logo

de Londres-Curitiba

e me acesse

pois para quem espera

seis dias ou seis meses

podem parecer seis séculos

e o coração que bate

e lança

e corre

atropelado na Av. Rio Branco

dentro

do elevador

de si mesmo

subindo e descendo

na escada rolante da Sears

na escala volante do pensamento

o coração que mergulha

apunhalado

em frente ao Sol

no meio da onda

em pleno verão

sabe

que na verdade nada temos

a fazer na vida

(já que ela vive sem nós)

a não ser

inventá-la

a partir do ar

a partir

da linha do horizonte

como quem desenha

a partir

do branco

como quem escreve

na beira do espaço

seu nome

Leila Apunhalante.

Bang-Bang?

Ou apenas

o que passa

pelos ares

além do vento

numa rajada

é o bumerangue vermelho
do desejo

em ponto de bala:

baby, gata

que engatilha

o salto, o bote

e vai à luta

vai a pique

pois a barra

quando pesa

aqui no Baixo

é sob um céu de cinema

uma noite americana

com certeza

e seus realces:

fileiras, lero, silhuetas

eu vejo estrelas

stardust ao deus-dará

eu beijo o pó
da vitória
e em todas as bocas
Movie Drops, o batom
dos 2001 Chupões & Sussurros
à Nosferatu — eu quero seu sangue
de mel, de qualquer maneira:
entre as sirenes
das patrulhas
strangers in the night
em errepês
com o rádio a toda
derrapadas
ao som dos pneus
cantores de Viena
um Vietnã de descargas
descarrego e camburões
que se arrastam à toa
enquanto o verão
com água na boca
queima fumo
queima fundo
chega mais
e se agarra geral pelos bares
e bate
surdo
rolando em cada corpo
sua em cada rabo
de peixe
de saia — sereia, sim

ó lantejoula deslumbrada
minilago, mariposa
na beira de sua própria
pose de luz pousada na calçada:
eu te peço, te suplico
e escancaro

já que o amor não tem nome
e o desejo não tem dono
e o coração de verão
é feito de espelhos
marca Multiface
na beirada da década
na virada

(ou oito ou oitenta)

da mesa

por debaixo do pano
como um passe de mágica
esquizofrenil de Mr. Draque
não me deixe

de pernas pro ar
como as cadeiras
no terreno vazio da noite
na terra-de-ninguém do amanhecer
mas me faça a cabeça
por favor
pra me falar ao pau!

o fantasma deslumbrado
no alar, no ar
na beira de sua própria
pose do luz porada na calçada;
tu te pões, te suplico
e escuro
já que o amor não tem nome
e o desejo não tem dono
e o contato do verso
é feito de espelhos
na beira da estrada
na virada

(um canto em memória)

em 1961

no alar, no ar

na beira de sua própria

pose do luz porada na calçada;

tu te pões, te suplico

e escuro

já que o amor não tem nome

e o desejo não tem dono

e o contato do verso

é feito de espelhos

na beira da estrada

na virada

De sol a sol
ligados
a todo volume
na mesma tomada
sob o som
a plenos pulmões
de mil e uma cores
amplificadas
e do mar em cinemascope
e estéreo
na potência máxima
dos seus vários canais.

Todos nós
nus elétricos
em curto, na areia
no coração do Sol
mergulhando
fundo
nas sucessivas ondas
acústicas que o verão programa e irradia
pelos alto-falantes do céu:
TOPLESS PERDE A CABEÇA
E ATEIA FOGO À SUA NUDEZ.

Ao ar livre
suíte azul sem fim
como o meu corpo
que não acaba aqui
à flor de sua própria pele
mas prossegue
 nada
e transborda em tantos outros
gestos
 na beirada do oceano
sem portos, apenas poros
com todos os seus sentidos abertos.

Altas nuvens, 40 graus à sombra
não impedem
a sensação recuperada
do olhar de quem pela primeira vez
folheia um Atlas e descobre
em página dupla, o Mapa-Múndi
o espaço escancarado que a vida
tem na Terra para voar;
na praia, entre montanhas
de prédios e a gargalhada do mar
deixo o barco correr no calor
no horizonte, sem hora para voltar.

Pirar é arder

a mil

fora da pista

com o narciso em chamas;

é cair

em si sem sentir

nenhum sentido

e seguir, assim

segundo por segundo

a cem por hora

a céu aberto

verão adentro

sem pouso ou pique

sequer

pra um gole de sombra

refresco

abraço

ou guarida;

é correr na contramão

(além do fôlego)

por bares, praias

casas

pegando fogo

e chegar — ventando —
na hora H
de todos os incêndios
sem água ou nada
que apague as labaredas
carregando apenas
mochilas cheias de mormaço;
pirar é arder
a mil
milímetro por milímetro
e queimar
velocilento
como uma brasa
se consome
até na fogueira do próprio sono
e, de repente
some;
é estar nu e só
no centro ou no lugar
onde somente o sol
sabe
e assassina.

Sex Pistols? Sim

de noite

todos os gatos são negros

com os seus pistons vermelhos

e em surdina

mas sem rodeios

te agarro e meto bronca

na gruta

no quarto felpudo

do Motel de Mel

ao som da FM — Fode Mais

e gosto que me enrosco

nesses lençóis violeta

trepo no espelho do teto,

trepo pelas paredes

que me refletem

e repetem

o beijo, o abraço, as coxas

abertas de damasco e purpurina

para depois mergulhar em de manso

em piscinas de carrara (sic) e gargalhada.

Sobretudo coxas
e seios-glacê
mademoiselle furta-cor
depois de tanto escracho
deboche e xerox
virou miss pornô
por que não?
assim,
mostrando os pentelhos d'abertura
fazendo espaguete, fita
e cinema transcendental:
sônia braga desbragada
vera paixão
vera peixão
fisgada
na velha virilha mineira
quase um caso de polícia
um escândalo no álbum
de família
que vem de manso
afoga o pinto, o ganso
o canto do cisne
e depois parte pra curra
com o encarquilhado picaralho em riste
pra lavar a honra

pois é dos carecas que elas gostam
 “ querem
 é leite, é poder
 e um membro jet-set.

Sobretudo coxas
 e seios-glacié
 machucando a tuta-cor
 depois de tanto estacado
 de boche e xerox
 virou miss porno
 por que não?
 assim,
 mostrando os penichos d'abertura
 fazendo capangas pra
 e cinema transcendental;
 só pra braga desbragada
 vera paixão
 vera paixão
 ligada
 na velha virilha mineira
 quase um caso de polícia
 um escândalo no álbum
 de família
 que vem de manso
 alonga o pinto, o ganso
 o canto do cisne
 e depois parte pra curta
 com o encardido picatallio em riste
 pra lavar a honra

Dançar até não foder
mais

dançar

subir o morro
debaixo de uma lua daquelas
dançar

em cima do Rio

e do abraço da baía
dançar como uma chama
sobre o mar aberto
até me queimar todo
e sumir no meu próprio suor
enquanto os dragões
sopram e atizam o fogo
das suas línguas
dos seus metais em brasa
e o verão estala
atira
e se arremessa apaixonado
amanhecendo o céu
das noites cariocas.

Trabalho de não saber

trabalho

trabalho

trabalho de não saber

trabalho de não saber

trabalho

trabalho de não saber

trabalho de não saber

trabalho de não saber

trabalho de não saber

trabalho de não saber

trabalho de não saber

trabalho de não saber

trabalho de não saber

trabalho de não saber

trabalho de não saber

trabalho de não saber

trabalho

trabalho de não saber

trabalho de não saber

trabalho de não saber

Antes, Mr. Interlúdio
agora

Mr. Através;
o que vem do vento
rente e exato

e atravessa
as venezianas
como um tigre raiado
vindo de fora
— como um tiro —
mas feito de dentro
de entrementes, esguelhas
pelo avesso, arrepios
e entra

voa
por toda a fresta
descuido, frincha, minúcia
porta entreaberta
e chega, de viés, no mínimo
múltiplo minúsculo minuto
propício
se precipitando
a pino, entredentes
por qualquer interstício
como um raio

como um ponto de luz que acende
por um instante

a varanda da noite
como um piscar de olhos
que, de repente

apaga a mesma luz
de noite

na varanda do verão.

Toda viagem é interior
embora

por fora

se vista o carro ou o trem
e se aprenda a nadar
com o navio

e a voar

pelos ares, com as bombas
e os aviões;

toda viagem

se faz por dentro
como as estações
se fabricam, invisíveis
a partir do vento

silenciosas

como quando um pensamento
muda de tempo e de marcha
distráído de si, e entra
em outro clima

com a cabeça no ar:

psiu, míssil, além do som
e de qualquer mapa
ou guia que desenrolo
míope, sobre a estrada

que passa
sob meu pé-pneumático
sob o célere céu azul
do meu chapéu;

toda viagem
avança e se alimenta
apenas de horizontes
futuros, infinitos, vazios
e nuvens:

toda viagem é anterior.

Valium, valei-me
pois aos quarenta
eu não sei se eu sou eu
ou se eu sou ou.

Aos quarenta
a vida começa
a ficar mais curta:
um futuro de óculos
de dentaduras súbitas
e as escadas
de repente
com mais degraus;
aos quarenta
em Ouro Preto
no carnaval do verão
2.^a-feira
de mim
barroco, urgente e exposto
sobre o lajedo
descendo a ladeira
sem tempo a perder
logo aqui
onde ele se perde
como as heras entre as pedras

parado nas fachadas
eu entro
para sempre, para dentro
da Casa dos Enta
sem nenhum móvel
ou cadeira
para descansar a bagagem
antiga do corpo
e já começo
a passar
a andar
por corredores reumáticos
salas de apoplexia
quartos soluçantes
mas não desisto de mim
e de nada;
nem do meu coração
que insiste e sacode
todas as cortinas
em chamas
do peito, pedindo socorro
passagem
e continuo a visita:
passo, cálculo e a bengala
do meu tato
abre — de par em par — a partida
a porta dos fundos
a janela desesperada batendo
sobre o quintal do vento

onde folhas mortas de jornal
rodopiam

no terreno vazio
sem notícia.

pé ante pé, imprevisível

and the other two

of the

of the

of the

Aqui jazz
mas danço
(em que sentido?)
e dou a volta por cima
por fora de mim
e me descubro
de novo
no meio da noite
eu me viro
mesmo estando em maus lençóis
e descolo
num piscar de olhos
outro tipo de sonho
outro lance, outra chance
outro lado do corpo na cama:
outlaw camuflado no leito
do rio do delírio adentro
dando com os burros n'água
na margem oposta
se precipitando
pé ante pé, imprevisível
com suas pistolas
revertere ad locum pum!
mas já decolo
no meu cavalo

mas danço

(em que sentido?)

e dou a volta por cima

por fora de mim

e me descubro

de novo

no meio da noite

eu me viro

mesmo estando em maus lençóis

e descolo

num piscar de olhos

outro tipo de sonho

outro lance, outra chance

outro lado do corpo na cama:

outlaw camuflado no leito

do rio do delírio adentro

dando com os burros n'água

na margem oposta

se precipitando

pé ante pé, imprevisível

com suas pistolas

revertere ad locum pum!

mas já decolo

no meu cavalo

quebrando todos os galhos
na passagem

no corredor
da morte

cheio de grilos, tripas
bodes, bodes, berros

ecos e ego strips

eu vou por essa vida

essa via, esse vale

essa viagem de lágrimas

a pé, no pó, voltando

pisando o chão com minhas botas

sapatos tão domésticos

entre a fôrma e a forma

prestes, a uma pegada

a um passo lento ou polegada

de se transformarem

de calçados

em cágados

em tartarugas de couro cru

ruga

e sola que arrasto

vendo com os olhos fechados

essa terra que há de comer

e esquecer meu rastro

o desenho do meu desejo

ou o meu destino e desígnio.

Passar o coração a limpo
ou o caderno de telefones:

passar
de um dia para o outro
sem vésperas, ápices
peripécias;

virar a página
do verão que já enrola
sua barraca
seu toldo

azul
de lona;

já fecha, de shorts
suas roupas-diamante
seu frenesi, sua feérie
de tardes, manhãs, luares
em malas sob a grama
já guarda

no sótão, o sol
na mansarda, o mar
e de cor

na lembrança
os arco-íris, as cores todas
de um punhado de confetes

caras e festas
jogados no vento
na correnteza das férias
com o carnaval correndo
no sangue

com a lua a pino
batendo nos cabelos de praia
na cabeça cheia de areia;
o verão já prepara
sua partida

no próximo vôo
no primeiro carro
no último trem
enquanto em câmara lenta
o outono pedala
— breve bicicleta feita de folha —
subindo a ladeira da estação.

De novo
nesta mesa
e nem parece
que as nuvens são outras
e que o tempo correu
como o sangue na veia
ou como um trem
passando por cima da ponte
rumo à colisão
e à ferrugem.

Nem parece
que a casa resistiu
aos gastos e ratos
à poeira imóvel sobre os móveis
ao abandono dos quartos e salas
trancados nas muitas tardes
de domingos sucessivos
quando eu, em pensamento
subia a escada
e a visitava
de cor, de longe
em silêncio
e pela lembrança
revia
a vida fechada a sete chaves

interrompida pela metade
aqui dentro:
a cama e o jornal
abertos,

meio copo d'água
como se eu fosse
a qualquer momento
voltar e atender
o telefone
que tocava em vão
no escuro
dar corda no relógio
retomar o fio da leitura
e do sono
comer o resto do pão
de cada dia

e no entanto
a casa e o corpo guardaram
o mesmo abrir de portas
e janelas
o mesmo jeito e rangido
apenas
do lado de fora
o jardim e as plantas
cresceram
a paisagem é outra

Para Maria Helena

Um livro é um leque
aberto a todos os ventos
a todos os tipos
de jogo
um leque
de cartas do acaso
de chances
ao azar
de suas asas e folhas
à vol d'oiseau
que ousa voar
por todo espaço
imaginário:
papel, passaporte, pássaro
de palavras
que escapa da página
e livre no ar
sem pouso fixo
em nenhuma linha
em nenhuma pauta
se abre
pleno de sentidos
se presta a qualquer viagem
sem mapas, bússolas

súmulas
e plana sem planos
feito de pluma
de pena;
um lance de dedos
jamais abolirá
a vida
sempre à beira
das letras, das lágrimas
de mallarmé;
um livro é um leque
uma rosa-dos-ventos
com muitas leituras
voltadas para a amnésia
ou para a manhã.

ESTA OBRA FOI COMPOSTA PELA
LINOLIVRO S/C. COMPOSIÇÕES GRÁFICAS LTDA.
E IMPRESSA NA EDITORA VOZES LTDA.,
PARA A EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A.,
EM DEZEMBRO DE MIL NOVECENTOS E OITENTA E DOIS,
ANO EM QUE SE COMEMORA
O OCTOGÉSIMO ANIVERSÁRIO
DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE.

Não encontrando este livro nas livrarias, pedir pelo Reembolso Postal à
EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A. — Rua Maria Angélica, 168 —
Lagoa — CEP — 22.461 — Rio de Janeiro



Antes de mim
mas durante
enquanto me esperavam chegar
Almoziim Balas pintava
no quadro da capa
aquele que poderia ser eu
ou outro qualquer
mas para os olhos de quem
me guardava e gravava
de cor
por dentro do pensamento
e do bẽ-a-bẽ do corpo
este rosto
já poderia ser o rascunho
o desenho do sonho
a primeira linha
a primeira sombra
ou as primeiras linhas
do meu esboço.



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

SEMPRE
UM BOM
LIVRO

Amor de muitas filhas